

Os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”: um estudo variacionista

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i2.3081>

Kátia Roseane Cortez dos Santos¹

Resumo

O objetivo deste estudo é investigar a variação na regência dos verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”, considerando-se duas variantes: a forma pronominal e a forma não pronominal. Para tanto, utilizou-se a Sociolinguística Variacionista como fundamento teórico-metodológico e o Corpus D&G e o banco de dados Iboruna como universo de coleta de dados, além do pacote estatístico Goldvarb para sistematização quantitativa das ocorrências. Os resultados apontam uma baixa frequência de uso da forma pronominal dos verbos em todas as variáveis extralinguísticas selecionadas (localidade, gênero, grau de escolaridade, modalidade da língua e tipo de texto), o que indica que o uso da variante não pronominal não é alvo de estigmatização. Além disso, constatou-se que os verbos sob análise não apresentam o mesmo comportamento no que diz respeito à variante não pronominal, com maior incidência de “esquecer(-se)” como verbo transitivo direto e de “lembrar(-se)” como verbo transitivo indireto.

Palavras-chave: variação linguística; verbos pronominais; sociolinguística.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São Paulo, Brasil; katia.cortez@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-0395-6633>

The verbs “lembrar(-se)” and “esquecer(-se)”: a variationist study

Abstract

This study aims to investigate the variation in the regency of the verbs “lembrar(se)” and “esquecer(se), considering two variants: the pronominal form and the non-pronominal form. For this purpose, Variationist Sociolinguistics was used as a theoretical-methodological foundation and Corpus D&G and the Iboruna database as a universe of data collection, in addition to the Goldvarb statistical package for quantitative systematization of occurrences. The results indicate a low frequency of use of the pronominal form of verbs in all selected extralinguistic variables (locality, gender, education level, language modality, and type of text), which indicates that the use of the non-pronominal variant is not a target of stigmatization. In addition, it was found that the verbs under analysis do not exhibit the same behavior concerning the non-pronominal variant, with a higher incidence of “esquecer(se)” as a direct transitive verb and “lembrar(se)” as an indirect transitive verb.

Keywords: linguistic variation; pronominal verbs; sociolinguistics.

Introdução

Este estudo, com fundamento no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, tem como objetivo investigar a variação entre as formas pronominais e não pronominais dos verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”, buscando identificar suas frequências absolutas de uso e fatores que podem influenciar na opção do falante por uma forma em detrimento da outra. A motivação para a escolha desse fenômeno linguístico se deu devido ao fato de que “ao lado da concordância [...], a regência é um dos alvos preferidos da vigilância purista” (BAGNO, 2012, p. 519), sendo um tema bastante presente nas gramáticas normativas e escolares, nas aulas de português, nas provas de vestibulares e em concursos diversos. Já a escolha por esses dois verbos especificamente se deu pelo fato de eles também estarem muito presentes nesses materiais, como exemplos do que seria a regência utilizada na variedade padrão da língua em contraposição à regência utilizada na variedade não padrão.

De acordo as gramáticas consultadas (cf. BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001; PATROCÍNIO, 2011), as quais foram selecionadas por se tratar de dois exemplares renomados de gramática prescritivista e outro de gramática escolar, esses verbos podem apresentar três regências diferentes: a) pronominal, com a presença da preposição “de”; b) não pronominal com verbo transitivo direto; c) não pronominal com verbo transitivo indireto. A seguir, apresentamos um exemplo de cada tipo.

mas no dia da viagem ... é ... eu **me lembro de uma coisa muito interessante** quando ... um amigo nosso foi deixar-nos no aeroporto (Natal, p. 38)².

então quando chegou o décimo do dia ... quem foi sorteado foi esse advogado ... que agora eu não **lembro o nome** (Natal, p. 18).

No dia seguinte, voltou tristonho para casa, refez suas idéias, e não **lembrará do acontecido**. (Natal, p. 36).

E sobre o ambiente, tem um morro em frente, um posto médico, cerca, uma horta, flores, gatos que brigam e brincam a noite inteira, e sem **me esquecer da jardineira** ao lado. (Juiz de Fora, p. 23).

procurou o doutor Carrilho que ainda estava em Recife ... e pediu que pelo amor de Deus **esquecesse o acontecido** (Natal, p. 48).

Mas no entanto, todos se calam ao ver a crise, se acomodam em frente a uma televisão sonhando um mundo melhor de fantasias e **esquece do seu mísero salário mínimo**. (Natal, p. 37).

Diante disso, esta pesquisa tem por fim buscar respostas para os seguintes questionamentos: há diferenças nas frequências de uso entre a forma pronominal e as formas não pronominais dos verbos lembrar(se) e esquecer(se)? Se sim, há fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que podem explicar a preferência? Considerando-se apenas as formas não pronominais, há diferença na frequência de uso da forma transitiva direta e da forma transitiva indireta?

A fim de cumprir os objetivos propostos, este artigo se estrutura da forma descrita a seguir. Na seção posterior a esta introdução, apresentamos brevemente a Sociolinguística Variacionista, discutindo seu objeto de estudo, sua origem, a metodologia empregada pelos sociolinguistas, os conceitos de variável e de variante linguísticas, bem como fornecemos informações sobre os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” a partir de algumas obras de referência. Na seção intitulada “Córpus e metodologia”, concedemos detalhes sobre os córpus utilizados na pesquisa, a saber, o Corpus D&G e o banco de dados Iboruna, e indicamos os procedimentos metodológicos realizados. Na seção “Análise dos dados”, discutimos, quantitativa e qualitativamente, os resultados obtidos. Por fim, realizamos algumas considerações finais sobre o trabalho na seção “Conclusão”.

2 As ocorrências apresentadas neste trabalho são identificadas da seguinte forma: aquelas provenientes do Corpus D&G são indicadas pelo nome do arquivo disponível para *download* (Natal, Juiz de Fora, Rio Grande, Niterói, Rio de Janeiro 1 e Rio de Janeiro 2) seguido da página em que o exemplo está; já as ocorrências provenientes do banco de dados Iboruna são identificadas pelo nome do arquivo da Amostra Censo (AC-001, por exemplo) seguido da página em que o exemplo está.

Fundamentação teórica

Breve introdução à Sociolinguística Variacionista

Este trabalho se baseia nos princípios da Sociolinguística Variacionista, também denominada “Teoria da Variação Linguística”, “Sociolinguística Laboviana” ou “Sociolinguística Quantitativa”. Os dois primeiros rótulos fazem referência ao objeto de estudo dessa abordagem: a variação existente na linguagem, ou, o “caos linguístico”, nas palavras de Tarallo (1985). O autor nos explica que esse “caos” basicamente se configura como “um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa [...] se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte” (TARALLO, 1985, p. 5). Diante disso, o objetivo da Sociolinguística Variacionista seria sistematizar esse aparente “caos”, indicando os padrões de uso das formas em disputa em determinada comunidade de fala e apontando tendências de estabilização da variação ou de permanência de alguma(s) em detrimento de outra(s), o que abarcaria, portanto, não só os processos de variação, mas também os de mudança linguística.

O nome “Sociolinguística Laboviana”, por sua vez, indica o iniciador desse modelo teórico-metodológico³, o americano William Labov. Para ele, o termo “sociolinguística” é estranhamente redundante, visto que “a língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008 [1972], p. 215), devendo ser toda linguística, pois, uma sociolinguística. Nesse sentido, segundo Tarallo (1985, p. 7), “o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”⁴, o qual, na época, alcançava enorme repercussão. É assim que, em 1963⁵,

3 Conforme Labov (2008 [1972], p. 242), “o objetivo aqui não é necessariamente prover à linguística uma nova teoria da língua, mas, antes, um novo método de trabalho”.

4 Apesar de Labov criticar a falta do componente social na teoria gerativa, ele não desprezava o modelo gerativo de descrição dos fenômenos linguísticos, ao contrário, utilizava-o em suas análises, embora com adaptações (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Sobre isso, Camacho (2013, p. 128) afirma que “a formalização da regra opcional na fonologia gerativa do final da década de 1960, com a qual dialogava a sociolinguística variacionista, não era capaz de cobrir adequadamente fenômenos variáveis submetidos a diferentes condicionamentos probabilísticos. São esses problemas detectados no modelo gerativo que conduziram Labov à proposta de substituir a noção de regra opcional pela de regra variável”. No entanto, a proposta da regra variável como solução ao entrave no modelo gerativo não deixou de receber críticas (cf. LAVANDERA, 1978; ROMAINE, 1981; GARCIA, 1985), bem como a aparente contradição entre a união de um modelo da competência linguística (gerativismo) a um modelo do desempenho linguístico (sociolinguística) também foi alvo de desaprovação de alguns linguistas (cf. KAY; MCDANIEL, 1979; 1981).

5 Cf. Labov (1963).

Labov publica seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada. Nesse texto, o autor relaciona fatores como *idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude* ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês. (ALKMIM, 2012, p. 32, grifos da autora).

Por fim, “o modelo de análise linguística proposto por Labov é também rotulado por alguns de ‘sociolinguística quantitativa’, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados” (TARALLO, 1985, p. 8). Isso porque, “para desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social [do fenômeno em variação], devemos necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos” (GUY, 2007, p. 19), e, para fazer o tratamento adequado desses dados, é necessário o amparo no “aparato padrão da metodologia quantitativa, incluindo o uso de tabelas e gráficos para a apresentação de dados, medidas estatísticas para *resumir* os dados e fazer inferências sobre eles, testes de significância e confiabilidade e técnicas analíticas quantitativas” (GUY, 2007, p. 20).

O conceito de variante linguística e de variável linguística

Como vimos acima, a Sociolinguística Variacionista investiga o fenômeno da variação linguística, tomada não como um “problema”, mas como algo natural e inerente às línguas. Diante disso, para operacionalizar as pesquisas nessa área, dois conceitos são fundamentais: o de variante linguística e o de variável linguística. De acordo com Tarallo (1985, p. 8), as formas linguísticas em variação são frequentes em qualquer comunidade de fala e “a essas formas em variação dá-se o nome de ‘variantes’. ‘Variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”. A fim de complementar a definição de Tarallo (1985), reproduzimos também as palavras de Camacho (2012, p. 62):

O termo *variável* representa o esforço do sociolinguista por generalizações abstratas. Trata-se de uma classe de variantes que constituem duas ou mais alternativas concretas de uso. As variantes, ordenadas ao longo de uma dimensão contínua, são determinadas por uma ou mais variáveis independentes, de natureza linguística ou extralinguística.

Nesse sentido, dá-se o nome de variável dependente ao objeto de investigação do sociolinguista, de variantes, às alternativas existentes para a variável e de variáveis independentes, aos fatores que podem exercer influência sobre a escolha de uma ou outra variante. Por exemplo, neste estudo, a variável dependente é a regência dos verbos

“lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”, as variantes são as formas pronominais dos verbos e as formas não pronominais e as variáveis independentes, internas e externas, são: localidade, gênero⁶, grau de escolaridade, presença ou ausência de sujeito explícito, entre outras.

É importante ressaltar que a Sociolinguística Variacionista não “descobriu” um novo fenômeno (a variação), presente nas línguas; tal fenômeno já era reconhecido pelas abordagens formalistas que a precederam. No entanto, o que tais abordagens faziam era considerá-la como algo impossível de ser sistematizado e, em vista disso, não passível de investigação científica. Elas ofertavam duas explicações possíveis para a existência de variantes:

1. diz-se que as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de ‘mistura dialetal’ ou ‘alternância de código’ [*code-switching*];
2. diz-se que as variantes se encontram em ‘variação livre’ dentro do mesmo sistema, e a seleção se encontra abaixo do nível da estrutura linguística. (LABOV, 2008 [1972], p. 221).

Assim, ao realizar uma equivalência entre estrutura e homogeneidade, as abordagens formalistas, até então, possuíam um modelo teórico-metodológico apenas capaz de lidar com as variantes como fruto da “alternância de código” – isto é, uma alternância entre estruturas homogêneas – ou da “variação livre” – não sistemática. Contrapondo-se a essa visão, a Sociolinguística Variacionista propõe o entendimento de que a linguagem é uma estrutura heterogênea⁷, inerentemente variável, cuja descrição deveria permitir a compreensão das motivações, sejam elas linguísticas ou sociais, do uso de uma variante ou de outra.

6 Neste estudo, utilizamos a nomenclatura “gênero” ao invés de “sexo” com o intuito de demarcar o caráter social, não biológico, dessa categoria. No entanto, é importante explicitar que nos *corpora* utilizados aqui só há dois fatores para essa variável: masculino e feminino.

7 “A existência de *variação e de estruturas heterogêneas* nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos” (LABOV, 2008 [1972], p. 238, grifos do autor).

Sobre a diferença na abordagem das variantes pelas vertentes formalistas e pela Sociolinguística Variacionista, Lavandera (1996, p. 20, tradução nossa⁸) aponta o seguinte:

Na busca por uma resposta à questão ‘por que alguém diz alguma coisa?’⁹ Labov apresentou evidências em 1966¹⁰ para dois importantes fatos sobre a forma da língua e a função da língua. Ao mostrar que as diferenças na forma que tinham sido até então analisadas como não motivadas e livres, isto é, sem significado referencial, carregavam algum significado, social e estilístico, ele forneceu evidências específicas para a hipótese de que a maioria senão todas as diferenças na forma veiculam alguma informação. Ele foi capaz de reinterpretar o que tinha sido pensado ser uma evidência clara de que as diferenças nas pronúncias em Nova Iorque não apresentavam distinção. Mais ainda, ele forneceu os meios de continuar reexaminando mais da assim chamada evidência de variação livre.

Portanto, a partir da Sociolinguística Variacionista, foi possível observar que as diferenças de uso de uma forma ou de outra no mesmo contexto não eram fortuitas, mas sim motivadas ou por fatores internos à língua ou por fatores externos, como idade, gênero, classe social etc. Nas palavras de Camacho (2012, p. 54), a Sociolinguística Variacionista correlaciona “as variações existentes na expressão verbal a diferenças de ordem linguística e de ordem social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”.

Os verbos lembrar(-se) e esquecer(-se)

Nesta seção, apresentamos as regências dos verbos lembrar(-se) e esquecer(-se) que nos serviram de base para a classificação das ocorrências encontradas nos corpúsculos e para posterior análise desses dados. Primeiramente, iniciamos com as definições propostas por Luft (2010), em seu *Dicionário prático de regência verbal*.

8 No original: “In the search for an answer to the question ‘why anyone says anything’ Labov presented evidence in 1966 for two important facts of language form and language function. In showing that differences in form which had so far been analyzed as unmotivated and free, that is, referentially meaningless, were in fact carriers of some significance, social and stylistic, he provided specific evidence for the hypothesis that most if not all differences in form convey some information. He was able to reinterpret what had been thought to be clear evidence that some differences in New York pronunciation had no distinctiveness. Furthermore, he provided the means to continue reexamining more of the so-called evidence of free variation” (LAVANDERA, 1996, p. 20).

9 “A questão sociolinguística fundamental é suscitada pela necessidade de entender por que alguém diz alguma coisa” (LABOV, 2008 [1972], p. 242).

10 Cf. Labov (1966).

ESQUECER 1. TD: *esquecê-lo; esquecer que...* **TDpl:** *esquecer-se de...* **(OBS.1);** *esquecer (de) que...* **(OBS.2)** ou (bras.) **TI:** *esquecer de...* **(OBS.3)**. Deixar sair ou escapar da memória; perder a lembrança (de); não se lembrar (de); olvidar(-se) [...]. – **OBS.2** *Esquecer-se de que...* permite a elipse da prep. [...]. – **OBS.3** O brasileirismo *esquecer de* pode derivar de *esquecer-se de*, por despronominalização, ou de (1) e (2), por cruzamento: *esquecer x + esquecer-se de x > esquecer de x*. 'Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos [cf. Cegalla: 416], mas muito frequente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária, principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo' (Cunha: 487). [...] Exemplos em eu o complemento não é infinitivo: '*Não esquecia da saúva*' (Mário de Andrade: Lessa). '*... esquece de tudo*' (Jorge Amado: id.)" (LUFT, 2010, p. 277).

LEMBRAR 1. TD: *lembrá-los; lembrar que...* **TDp(I):** *lembrar-se (de...); lembrar-se (de) que...* **(OBS.1)**. **TI:** *lembrar de...* **(OBS.2)**. **Int:** *lembrar*. Ter recordação ou lembrança (de); fazer vir à memória; recordar(-se); evocar: *Lembrar pessoas ou coisas. Lembrar(-se) de pessoas ou coisas (OBS.2)* [...]. – **OBS.1** A sequência *lembrar-se de que...* faculta a elipse da preposição [...]. – **OBS.2** *Lembrar de alguém* ou *de algo* é inovação, derivada de *Lembrar-se de alguém* ou *de algo*, por depronominalização (perda do reflexivo). Sintaxe condenada por gramáticos (Cunha: 491; Cegalla: 416; Lessa: 192; etc.), mas inserida na deriva da língua, onde é processo natural, com numerosos precedentes: *apagar(-se), casar(-se), cansar(-se), esquecer(-se), inclinar(-se), recolher(-se), vestir(-se), deitar(-se) e levantar(-se), sumir(-se)*, etc., etc. (cf. Sousa da Silveira, 1952: 135 ss.) Não falta documentação literária: "*Lembrava do negro velho Macário*" (José Lins do Rego: Lessa) (LUFT, 2010, p. 351).

Agora, passaremos ao que duas gramáticas tomadas como referência no Brasil apresentam sobre a regência desses verbos. A primeira, a *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2009), não traz uma discussão especificamente a respeito dos verbos em questão, mas apenas uma listagem com as regências correspondentes. Nessa lista, "lembrar(-se)" aparece apenas como pronominal e seguido da preposição "de" (BECHARA, 2009, p. 577), assim como "esquecer(-se)" (BECHARA, 2009, p. 575). Dessa forma, a omissão das outras possibilidades de regência já aponta para uma prescrição, indicando qual forma seria a "correta".

Cunha e Cintra (2001), por sua vez, em sua *Nova gramática do português contemporâneo*, fornecem outras possibilidades de regência para esses verbos, mas, como já expresso por Luft (2010), deixam clara a existência de duas alternativas adequadas à norma culta do português e uma alternativa "viciosa". Vejamos:

Esquecer

1º) Na acepção própria de “olvidar”, “sair da lembrança”, este verbo constrói-se, tradicionalmente:

- a) seja com OBJETO DIRETO: [...].
- b) seja com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *de*, quando pronominal: [...].

2º) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira, sem o pronome reflexivo, mas com o OBJETO introduzido por *de*: [...].

Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito frequente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária, principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 525-526).

Lembrar

O verbo *lembrar(-se)* apresenta os mesmos tipos de construção que o seu antônimo *esquecer(-se)*. [...]

Paralelamente à construção *esquecer de (alguém ou alguma coisa)*, aparece na linguagem coloquial brasileira *lembrar de (alguém ou alguma coisa)*, regência também tida por viciosa (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 529-531).

Por fim, apresentamos a seguir as definições oferecidas por uma gramática escolar bastante difundida em nossa região: *Aprender e praticar gramática*, de Patrocínio (2011), a qual explicita que duas das regências possíveis pertencem à “variedade padrão” da língua portuguesa e uma, à “variedade coloquial”.

Esquecer(-se)/lembrar(-se)

Esses dois verbos são idênticos quanto à transitividade e podem ser **pronominais** (acompanhados de pronome oblíquo) ou **não pronominais**. Dependendo da presença ou da ausência do pronome oblíquo junto à forma verbal, eles variam de regência. Compare:

- Eu já *esqueci do* assunto. → variedade coloquial
- Eu já **me esqueci do** assunto. → variedade padrão
- Eu já *esqueci o* assunto. → variedade padrão
- Ninguém mais *lembra daqueles* acontecimentos. → variedade coloquial
- Ninguém mais **se lembra daqueles** acontecimentos. → variedade padrão
- Ninguém mais *lembra aqueles* acontecimentos. → variedade padrão (PATROCÍNIO, 2011, p. 631).

Diante das definições acima, nota-se a importância dada à prescrição da regência “correta” dos verbos focalizados neste trabalho, talvez por serem verbos de uso bastante frequente em nosso cotidiano. Com base nesses materiais, então, realizamos a classificação das ocorrências encontradas nos corpúscos e buscamos identificar qual regência é a preferida pelos informantes e se, de fato, “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” apresentam comportamento idêntico como se prevê nas gramáticas utilizadas. Para tanto, adotamos a metodologia descrita a seguir.

Córpus e metodologia

Para a seleção das ocorrências analisadas neste trabalho, utilizamos dois córpus: o Corpus D&G¹¹ e o banco de dados Iboruna¹². O primeiro foi organizado pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFF, em 1991. Nesse período, os integrantes do grupo coletaram amostras de língua falada e escrita em cinco cidades: Natal (RN), Juiz de Fora (MG), Rio Grande (RS), Niterói (RJ) e Rio de Janeiro (RJ). Na ocasião, cada um dos informantes produziu cinco tipos de textos na modalidade oral e escrita do português: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Em Juiz de Fora, em Rio Grande e em Natal, foram entrevistados 20 informantes; em Niterói, 18; e no Rio de Janeiro, 93. Além da distribuição por tipo de texto e modalidade de língua, o *corpus* também é controlado de acordo com as seguintes variáveis extralinguísticas: gênero – masculino e feminino – e nível de escolaridade – superior, médio, fundamental II (antiga oitava série), fundamental I (antiga quarta série) e infantil¹³. Por fim, os informantes estão distribuídos de acordo com as seguintes faixas etárias: acima de 23 anos (nível superior), de 18 a 20 anos (nível médio), de 13 a 16 anos (nível fundamental II), de 9 a 11 anos (nível fundamental I) e de 5 a 8 anos (nível infantil)¹⁴.

No que concerne ao banco de dados Iboruna, ele foi organizado no interior do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), que foi uma iniciativa concebida pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) do IBILCE/UNESP entre os anos de 2002 e 2003. O banco de dados é composto por dois tipos de amostra da modalidade oral do português: a Amostra Censo, que contém 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente¹⁵, e a Amostra de Interação Dialógica, que reúne quatro amostras de fala coletadas de forma secreta em situações livres de interação social¹⁶. Os informantes

11 Disponível em: <http://discursoegramatica.com/>.

12 Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/index.php>.

13 Devido ao número ínfimo de ocorrências encontradas no nível de escolaridade infantil, ele não foi considerado.

14 Dada a estreita relação entre grau de escolaridade e faixa etária, esta não foi considerada uma variável independente nas análises empreendidas neste trabalho.

15 Além dos dados que também são fornecidos pelo Corpus D&G a respeito dos informantes (gênero e grau de escolaridade), o banco de dados Iboruna contém informações sobre faixa etária (que não equivale a grau de escolaridade – 7 a 15 anos; 16 a 25 anos; 26 a 35 anos; 36 a 55 anos; e mais de 55 anos) e renda familiar (até 5 salários mínimos; de 6 a 10 salários mínimos; de 11 a 24 salários mínimos; e mais de 25 salários mínimos). A fim de manter a uniformidade dos critérios de análise, tais informações não foram consideradas.

16 Utilizamos neste trabalho apenas a Amostra Censo, visto que nosso interesse recaiu também sobre fatores de ordem externa que poderiam exercer influência sobre o fenômeno linguístico sob escopo.

cuja falas integram o Iboruna são provenientes das seguintes cidades: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto¹⁷.

No que diz respeito à metodologia empregada nesta pesquisa, ela é composta por quatro etapas. A primeira etapa foi a seleção das ocorrências com os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”. Para tanto, utilizando a ferramenta de busca de um leitor de arquivos do tipo PDF, procuramos pelos termos “lemb”, “esquec” e “esqueç”, pois assim seria possível encontrar todas as formas e tempos verbais dos verbos em questão. Uma vez que nosso fenômeno linguístico de interesse é a regência desses verbos em suas variantes pronominais (acompanhados da preposição “de”) e não pronominais (transitivos diretos, na variedade padrão, e transitivos indiretos, na variedade não padrão), alguns casos foram excluídos das análises:

- As construções “estar lembrado/a” e “estar esquecido/a” e as construções com verbo pronominal sem preposição, por não estarem descritas nas gramáticas tomadas como referência neste trabalho¹⁸.

aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou uma frase aí muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num **tô lembrado** qual foi a frase (Natal, p. 5)

nesse di/ nesse dia que a gente foi fotografar a Via Costeira ... nós começamos ali próximo daquele ... primeiro hotel depois o Farol de Mãe Luiza ... onde tem uma curva perigosa ... que eu **estou esquecido** o nome (Natal, p. 50)

deixe eu **me lembrar uma outra programação interessante** (Natal, p. 71)

e agora com essa lei que surgiu... que criaram agora... **me esqueci o número da lei** agora... mas é uma lei que surgiu agora (Rio Grande, p. 11)

- Os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” com outras acepções diferentes das apresentadas na seção da fundamentação teórica deste trabalho.

17 Com o objetivo de deixar as análises menos complexas no que se refere à variável independente “localidade”, não fizemos distinção entre as cidades, agrupando-as sob o rótulo “Região de São José do Rio Preto”.

18 Embora encontremos a regência “Lembrar(-se) sem preposição” no *Dicionário prático de regência verbal*, de Luft (2010).

e eu e ... quando eu pensei em presentear você ... com aquele quadro porque eu ... **o sol ... me lembra muito você** (Natal, p. 68)¹⁹

chego de madrugada assim... ligo a televisão fico vendo... **esqueço a televisão ligada** também... às vezes (Rio de Janeiro 1, p. 101)²⁰

- Os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” quando não apresentavam complemento verbal explícito, já que, nesses casos, não é possível identificar se o informante, ao explicitar o complemento, utilizaria a preposição “de” ou não.

aí chegava o pai começava a bater nela ... aí continua né ... mas aí eu num **me lembro** (Natal, p. 189)

e pra mim ficou como uma experiência ... até hoje nunca **esqueci** (Natal, p. 152)

- Os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” quando ocorriam em contextos de orações relativas ou orações encaixadas, pois, nessas circunstâncias, a ausência da preposição “de” pode ser motivada por outros fatores que não estão no escopo deste trabalho, como o fenômeno do *queísmo*²¹.

uma coisa que ... também me ... que eu lembro como um fato curioso e bonito ... comovente que me emocionou muito ... foi ... uma vez eu corria ali mais ou menos próximo do ... daquele ... daquela colônia de férias ... Vale das Cascatas é? (Natal, p. 53)

e então nessa hora eu olhei pela janela e eu contemplei **uma paisagem linda ... que eu nunca mais vou esquecer** na minha vida (Natal, 41)

aí eu **me lembrei que eu tinha deixado ... que eu tinha deixado um livro meu lá na sala** (Natal, p. 17)

Ele **se esquece que nas olimpíadas, tem um mundo inteiro concorrendo**. (Niterói, p. 19)

19 Nesta ocorrência, o verbo “lembrar” está sendo usado com a acepção a seguir: “4. TD(I): *lembrar algo (a alguém); lembrá-lo (a...); lembrar(-lhe) algo*. [...] Trazer à memória ou à mente, por analogia ou semelhança; fazer lembrar; parecer; sugerir: *A menina lembra(-lhe) a mãe. Aquele rapaz (lhe) lembra seu irmão. ‘Seus olhos lembram esmeraldas’ (KLS). ‘Este rapaz lembra o meu irmão’ (Jucá)*” (LUFT, 2010, p. 352).

20 É possível relacionar esse exemplo com a seguinte acepção do verbo “esquecer” apresentada por Luft (2010, p. 278): “3. TD(I): *esquecê-lo (+ Locativo: em, sobre, etc.)*. TI: *esquecer a... (esquecer-lhe (+ Locativo))*. Deixar (TD) ou ser deixado (TI) por inadvertência ou esquecimento: *Ela esqueceu a sombrinha (no escritório, sobre a mesa). Esqueceu-lhe a sombrinha (no escritório, sobre a mesa)*”.

21 *Queísmo*: queda da preposição “de” antes de “que” nas situações em que a norma padrão prescreve sua presença.

- Construções fixas como “lembrando que” (utilizada como um conectivo no texto) e “que eu me lembre/lembro”.

A vida recomeçou, a chuva estava presente molhando a terra que iria trazer frutos, alimentos para ele, sua esposa, seus filhos e a cachorra. **Lembrando que**, a cachorra era como se fosse da família, pois, sempre estava junto deles. (Natal, p. 36)

mas num num contratô(u) ninguém... que eu... **que eu me lembre** (AC-053, p 11)

eu tinha um... tinha um pai... que ele:: bebi::a... chega::va em ca::sa batia na minha mã::e batia na gen::te... eu e me/ eu tinha mais ou menos::... que assim **que eu me lembro** eu tinha uns cinco ano (AC-062, p. 1)

- Qualquer ocorrência do entrevistador, e não do entrevistado, já que as falas daquele não são controladas sociolinguisticamente nos córpus.

Ao fim da coleta dos dados nos *corpora*, chegamos a um total de 187 ocorrências. Partimos, então, para a segunda etapa da metodologia: a rotulação dessas ocorrências de acordo com oito variáveis independentes que foram selecionadas com base na hipótese de que poderiam exercer alguma influência na escolha de uma ou de outra variante da variável dependente em estudo. Foram as seguintes as variáveis eleitas:

- Variáveis extralinguísticas (ou externas):
 - o Localidade: Natal, Juiz de Fora, Rio Grande, Niterói, Rio de Janeiro e região de São José de Rio Preto (6 fatores).
 - o Grau de escolaridade: superior, médio, fundamental II e fundamental I (4 fatores).
 - o Gênero: masculino e feminino (2 fatores).
 - o Modalidade da língua: oral e escrita (2 fatores).
 - o Tipo de texto: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião (5 fatores).
- Variáveis linguísticas (ou internas)
 - o Pessoa gramatical: primeira pessoa do singular e demais pessoas gramaticais (2 fatores). Essa variável foi selecionada com base na hipótese de que o pronome sujeito de primeira pessoa do singular desencadearia a utilização do pronome átono correspondente, numa espécie de reforço.

- o Sujeito explícito: presença e ausência de sujeito explícito (2 fatores). A seleção dessa variável foi motivada por hipotetizarmos que a ausência de sujeito explícito poderia influenciar na opção do falante pelo uso da variante pronominal do verbo, a fim de deixar claro ao ouvinte à qual pessoa do discurso o verbo se refere.
- o Verbo: lembrar(-se) e esquecer(-se) (2 fatores). Incluímos essa variável com o objetivo de averiguar se haveria diferença entre os verbos na preferência dos falantes por uma ou outra variante.

A terceira etapa consistiu no processamento quantitativo dos dados, realizado por meio do uso do pacote estatístico Goldvarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Neste ponto é importante esclarecer que a utilização do Goldvarb nos foi útil apenas para facilitar a contagem das ocorrências e de suas porcentagens, já que optamos por não fazer uma análise com pesos relativos, pois o baixo número de ocorrências (apenas 187) e a falta de uniformidade no que diz respeito à quantidade de dados para cada variável (por exemplo, a amostra da Região de São José do Rio Preto é maior do que a das demais cidades e não contém textos da modalidade escrita) poderiam prejudicar quaisquer generalizações de ordem qualitativa propostas a partir dos resultados quantitativos²².

Por fim, na quarta e última etapa da metodologia deste estudo, mudamos a variável dependente para um conjunto de três variantes: a pronominal, a não pronominal com verbo transitivo direto e não pronominal com verbo transitivo indireto. Essa escolha se deu a fim de verificar quantitativamente com mais detalhes a frequência de cada variante, a fim de responder ao nosso questionamento sobre se haveria ou não diferença no comportamento dos verbos lembrar(se) e esquecer(se) no que diz respeito às formas não pronominais transitiva direta e transitiva indireta.

Análise dos dados

Nesta seção, discutimos os resultados retornados pelo Goldvarb, buscando compreender nosso fenômeno linguístico. Como já mencionado na seção “Cópus e metodologia”, optamos por realizar dois tipos de análise dos verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”: na primeira, há duas variantes (pronominal e não pronominal) das respectivas formas transitivas indiretas dos dois verbos; na segunda, há três variantes (pronominal, não pronominal com verbo transitivo direto e não pronominal com verbo transitivo indireto). A seguir, focalizamos o primeiro caso, começando pelos fatores extralinguísticos.

22 Agradeço aos pareceristas anônimos desta revista, os quais sugeriram uma análise com base apenas em números percentuais, e não em pesos relativos.

Tabela 1. Relação entre a variante pronominal e a variável “localidade”

Fatores	Freq.	%
Juiz de Fora	4 / 9	44,4
Natal	10 / 46	21,7
Niterói	3 / 12	25
Região de SJRP	8 / 91	8,8
Rio de Janeiro	5 / 23	21,7
Rio Grande	3 / 6	50
Total	33 / 187	17,6

Tabela 2. Relação entre a variante pronominal e a variável “gênero”

Fatores	Freq.	%
Masculino	17 / 80	21,2
Feminino	16 / 107	15
Total	33 / 187	17,6

Tabela 3. Relação entre a variante pronominal e a variável “grau de escolaridade”

Fatores	Freq.	%
Fund. I	5 / 36	13,9
Fund. II	6 / 38	15,8
Médio	8 / 58	13,8
Superior	14 / 55	25,5
Total	33 / 187	17,6

Tabela 4. Relação entre a variante pronominal e a variável “modalidade da língua”

Fatores	Freq.	%
Oral	27 / 169	16
Escrito	6 / 18	33,3
Total	33 / 187	17,6

Tabela 5. Relação entre a variante pronominal e a variável “tipo de texto”

Fatores	Freq.	%
Descrição de local	5 / 22	22,7
Narrativa de experiência pessoal	11 / 61	18
Narrativa recontada	15 / 64	23,4
Relato de opinião	2 / 21	9,5
Relato de procedimento	0 / 19	0
Total	33 / 187	17,6

O primeiro ponto a ser observado a respeito das frequências acima é a frequência total da variante pronominal. Apenas 17,6% (33/187) das ocorrências contêm os verbos em seus usos pronominais. Percebemos, então, que não há uma distribuição igualitária das variantes. Lembremos que Bechara (2009) indica apenas a variante pronominal como a forma correta dos verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)”, o que nos faz observar com bastante surpresa que, nessa perspectiva, 82,4% das ocorrências seriam de usos não padrão desses verbos.

O próximo ponto de destaque a respeito dos dados dispostos nas tabelas é aquele concernente à variável “localidade” (tabela 1). Do nosso ponto de vista, o aspecto mais significativo é aquele que se refere à Região de São José do Rio Preto. Para esse fator, observamos somente oito ocorrências, ou 8,8%, de um universo de 91, contendo a forma pronominal dos verbos. Sem um estudo mais aprofundado, é difícil fazer afirmações sobre o motivo dessa diferença tão gritante entre a Região de São José do Rio Preto e os demais municípios analisados. Podemos, porém, levantar uma hipótese explicativa para o fato.

Apesar de não dispormos de dados diacrônicos sobre o uso dos verbos em questão nessas localidades, o quadro sincrônico nos mostra um uso menor da variante pronominal desses verbos. Considerando que esta é a forma tomada como referência nos manuais de gramática (cf. BECHARA, 2009) e lembrando aquilo que Luft (2010) afirmou sobre o processo de despronominalização desses verbos ter sido antecedido por diversos outros (apagar(-se), casar(-se), deitar(-se) levantar(-se) etc.), podemos inferir que esta seja a forma conservadora, ou seja, a mais antiga. Dessa forma, é possível nos questionar se a diferença observada na tabela acima não é fruto de um espraiamento ao longo do tempo da forma não pronominal, a mais recente, visto que os textos que compõem o Corpus D&G foram coletados no início dos anos 90, enquanto os textos do banco de dados Iboruna foram coletados no início dos anos 2000. Assim, o processo de mudança, isto é, a substituição da variante pronominal pela não pronominal, estaria mais avançado na ocasião em que os informantes da Região de São José do Rio Preto foram entrevistados.

No que diz respeito à tabela 2, que apresenta os dados referentes à variável “gênero”, notamos que, apesar de tanto homens quanto mulheres apresentarem uma frequência menor da variante pronominal em relação à não pronominal, nota-se que as mulheres a realizam menos ainda: 15% contra 21,2%. Podemos explicar esses números com base na “constatação, já plenamente reconhecida na literatura variacionista, de serem as mulheres mais sensíveis que os homens à atribuição de prestígio” (CAMACHO, 2013, p. 183). Em outras palavras, no nosso caso, é possível afirmar que o fato de as mulheres realizarem a variante não pronominal numa frequência maior que os homens indica que essa variante não é alvo de estigmatização, pois, se assim o fosse, provavelmente as mulheres optariam por não utilizá-la na maior parte das vezes.

Sobre as tabelas 3 e 4, destacamos que a frequência menor de ocorrências da variante pronominal tanto no grupo “grau de escolaridade” quanto no grupo “modalidade da língua” reforça a ideia já exposta neste trabalho de que a variante não pronominal não é considerada estigmatizada, sendo utilizada inclusive pelos informantes com ensino superior e nos textos escritos. Nesse sentido, lembremos o que diz Luft (2010, p. 277) sobre a construção “esquecer de”, a qual “já se vem insinuando na linguagem literária”. Contudo, ainda se observa que a predominância da variante não pronominal é menor nesses fatores: 1) 74,5% de ocorrências no ensino superior contra 86,2% no ensino médio, 84,2% no ensino fundamental II e 86,1 no ensino fundamental I; 2) 66,7% de ocorrências nos textos escritos contra 84% nos textos orais.

A menor frequência nos textos escritos se justifica na medida em que essa modalidade se caracteriza por ser mais conservadora e mais suscetível à pressão exercida pela norma padrão. Já sobre a questão do grau de escolaridade, é válido considerar o que afirma Camacho (2013, p. 183): “[é] a escola capaz de produzir mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam, principalmente por atuar como principal instância de preservação das formas de prestígio diante das diversas tendências de mudança em curso na comunidade”.

Por fim, em relação à tabela 5, que sistematiza as ocorrências no que concerne à variável “tipo de texto”, o que nos chama a atenção é o fato de que, no relato de procedimento, tipo de texto que apresentou a menor quantidade total de ocorrências, não houve nenhuma utilização do verbo lembrar(se) ou esquecer(se) na sua variante pronominal. Tal constatação, mais uma vez, deixa nítida a preferência dos falantes pela variante não pronominal.

Partindo agora para a discussão dos dados referentes às variáveis linguísticas, a saber, “pessoa gramatical”, “sujeito explícito” e “verbo”, no que concerne às duas primeiras, observamos, nas tabelas abaixo, que as hipóteses levantadas antes da quantificação das ocorrências e que motivaram a seleção dessas variáveis não se concretizaram. O fator “1ª pessoa do singular” não demonstrou influência sobre a escolha da variante

pronominal, dado que não houve uma diferença significativa entre ele e o fator “demais pessoas”, com aquele apresentando uma porcentagem de 19,4% das ocorrências e este, 14,3. O fator “ausência de sujeito”, por sua vez, não motivou uma maior utilização da variante pronominal, como era esperado, ocorrendo justamente o contrário: na maioria das vezes em que houve ausência de sujeito, a variante presente era a não pronominal (86,8% dos casos).

Tabela 6. Relação entre a variante pronominal e a variável “pessoa gramatical”

Fatores	Freq.	%
1ª pessoa do singular	24 / 124	19,4
Demais pessoas	9 / 63	14,3
Total	33 / 187	17,6

Fonte: Elaboração própria

Tabela 7. Relação entre a variante pronominal e a variável “sujeito explícito”

Fatores	Freq.	%
Presença de sujeito	24 / 119	20,2
Ausência de sujeito	9 / 68	13,2
Total	33 / 187	17,6

Fonte: Elaboração própria

Sobre as variáveis linguísticas, ainda nos falta discutir aquela que apresenta os dados a respeito da variável “verbo”. Neste estudo, optamos por analisar os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” conjuntamente, porque as gramáticas consultadas os abordam de forma paralela, afirmando que eles se comportam da mesma maneira no que diz respeito à regência. Entretanto, um exame prévio do material coletado nos mostrou que, aparentemente, o verbo “esquecer(-se)” ocorre em sua forma pronominal numa frequência menor do que o verbo “lembrar(-se)”, o que nos fez adicionar a variável “verbo” à análise. Como é possível observar na tabela 8, de fato, há uma frequência menor de ocorrências pronominais com o verbo “esquecer(-se)”: 4,1% *versus* 26,3% de usos pronominais do verbo “lembrar(-se)”. Novamente, utilizando o argumento da direção da mudança, podemos levantar a hipótese de que isso ocorre porque o verbo “esquecer(-se)” está em um ponto mais avançado do processo: suas formas pronominais passaram a ser abandonadas antes que as formas pronominais do verbo “lembrar(-se)”. Corroboramos para essa suspeita a afirmação de Luft (2010) de que a despronominalização de “lembrar(-se)” tem como precedente, dentre outras, a do verbo “esquecer(-se)”.

Tabela 8. Relação entre a variante pronominal e a variável “verbo”

Fatores	Freq.	%
Lembrar(se)	30 / 114	26,3
Esquecer(se)	3 / 73	4,1
Total	33 / 187	17,6

Fonte: Elaboração própria

Agora, comentaremos a segunda análise que fizemos, tomando como variável dependente o conjunto de três variantes linguísticas: a forma pronominal dos verbos, a forma não pronominal com verbo transitivo direto e a forma não pronominal com verbo transitivo indireto. Dessa investigação, focalizamos aqui apenas o fator “verbo”, pois foi o que apresentou o comportamento mais inusitado em relação à primeira análise com duas variantes. Observe a tabela a seguir:

Tabela 9. Relação entre três variantes e a variável “verbo”

Fatores	Variante pronominal		Variante TD ²³		Variante TI ²⁴		Freq. Total	% Total
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%		
Lembrar(-se)	30	26,3	31	27,2	53	46,5	114	61
Esquecer(-se)	3	4,1	45	61,6	25	34,2	73	39
Total	33	17,6	76	40,6	78	41,7	187	100

Fonte: Elaboração própria

A diferença na frequência de uso da variante pronominal entre os verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” já foi explorada anteriormente, quando indicamos que houve uma frequência muito menor para o verbo “esquecer(-se)” (4,1%) em comparação com o verbo “lembrar(-se)” (26,3%). Contudo, o que a tabela acima demonstra é a diferença de comportamento desses verbos no que concerne às formas não pronominais. Isso porque, enquanto para o verbo “lembrar(-se)” a forma mais selecionada dentre as três variantes é a não pronominal com verbo transitivo indireto, em 46,5% das ocorrências, para o verbo “esquecer(-se)” a mais frequente é a forma não pronominal com verbo transitivo direto, em 61,6% dos casos.

23 Variante não pronominal com verbo transitivo direto.

24 Variante não pronominal com verbo transitivo indireto.

Esse resultado nos faz refletir sobre dois pontos. Em primeiro lugar, ilustra que, ao contrário do que nos fazem crer as gramáticas consultadas, os verbos em questão não apresentam exatamente o mesmo tipo de comportamento, pois, apesar de ambos apresentarem três formas possíveis, a frequência com que cada uma é selecionada é bastante diferente. O fato de a gramática normativa não trabalhar com a noção de frequência em seu quadro teórico dificulta a percepção desse fato e, como é de conhecimento geral, faz com que suas prescrições de uso linguístico sejam baseadas mais nos usos literários da língua do que nos seus usos reais no contexto social, incluindo os falantes da variedade “cult”, isto é, os falantes com alto grau de escolaridade. Não nos esqueçamos de que uma das importantes reflexões proporcionadas pela Sociolinguística Variacionista foi justamente “o reconhecimento da existência de outro tipo de portador formal de significado, isto é, a relação de frequência” (LAVANDERA, 1996, p. 20, tradução nossa²⁵).

Em segundo lugar, os dados dispostos na tabela 9 também nos alertam para o risco de estabelecermos tendências a respeito da direção da mudança linguística sem observarmos o trajeto individual de cada um dos verbos em análise, já que um diagnóstico mais superficial poderia indicar que, assim como podemos inferir que está havendo uma passagem da forma pronominal para a não pronominal com verbo transitivo direto no caso do verbo “esquecer(-se)”, estaria ocorrendo o mesmo com o verbo “lembrar(-se)”. No entanto, os dados apontam que, para este último verbo, os falantes têm preferido a forma não pronominal com verbo transitivo indireto, por razões que ainda precisam ser investigadas em trabalhos futuros.

Conclusão

No fim deste percurso investigativo, pudemos compreender a variação na regência dos verbos “lembrar(-se)” e “esquecer(-se)” nos corpus selecionados. Constatamos que a variante pronominal apresenta baixa frequência de uso em comparação com a variante não pronominal. Mais especificamente, a Região de São José do Rio Preto apresenta a menor frequência de uso da variante pronominal; as mulheres utilizam essa variante menos do que os homens; a variante pronominal é menos utilizada até pelos falantes com um nível alto de escolaridade e em texto escritos; e o verbo “esquecer(-se)” possui um uso quase categórico da forma não pronominal, diferentemente do verbo “lembrar(-se)”. Ademais, no que concerne à variável “verbo”, averiguamos que os dois verbos sob escopo não apresentam o mesmo comportamento quando separamos a variante não pronominal em “verbo transitivo direto” e “verbo transitivo indireto”, já que os falantes selecionam mais a forma transitiva direta quando utilizam o verbo “esquecer(-se)” e mais a forma transitiva indireta quando fazem uso do verbo “lembrar(-se)”.

25 No original: “Another significant revision of the accepted theory of language was the recognition of the existence of another kind of formal carrier of significance, that is, the frequency relationship”.

Finalmente, aproveitamos este espaço de conclusão do texto, mas não de conclusão das discussões, para fazermos duas ressalvas. A primeira é que todas as afirmações, hipóteses e análises efetuadas nesta pesquisa partem dos dados coletados no Corpus D&G e no banco de dados Iboruna; assim, é possível que outros universos de amostras apresentem dados diferentes, o que implicaria também resultados possivelmente distintos dos fornecidos aqui. A segunda ressalva aponta para a necessidade de uma pesquisa com um cópulo muito maior do que o examinado aqui, seguindo o direcionamento dado por Bentivoglio (1987, p. 25-26) a respeito das pesquisas com fenômenos sintáticos: “utilizar todos os *corpora* que tenhamos à disposição, sobretudo se o problema objeto da análise é pouco frequente, para determinar o que motiva a ‘variação’”.

No entanto, é bom frisar que tais ressalvas não invalidam esta pesquisa, mas apenas deixam claras suas limitações e revelam a sempre necessária busca por mais análises, as quais, não alcançando nunca uma verdade absoluta sobre qualquer que seja o fenômeno linguístico em foco, vão, progressivamente, diminuindo nossas dúvidas e incertezas no campo da ciência.

Agradecimentos

Esta produção foi realizada com o apoio financeiro do CNPq.

Agradeço ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho pela leitura e pelas sugestões dadas a esta produção, fruto da disciplina “A mudança linguística na perspectiva variacionista”, ministrada por ele, em 2019, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto. As possíveis falhas que este trabalho possa apresentar são, claro, de minha responsabilidade.

Referências

ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. *Estudos linguísticos*, Campinas, v. 14, p. 7-29, 1987.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-83.

CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. Li. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCÍA, E. C. Shifting Variation. *Língua*, v. 67, p. 189-224, 1985.

GUY, G. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 19-46.

KAY, P.; MCDANIEL, C. K. On the meaning of variable rules. *Language in society*, v. 10, p. 251-258, 1981.

KAY, P.; MCDANIEL, C. K. On the logic of variable rules. *Language in Society*, v. 8, p. 151-187, 1979.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Ferreira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *The stratification of English in New York City*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. In: LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? In: SINGH, R. (ed.). *Towards a critical sociolinguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 17-30.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in society*, v. 7, p. 171-82, 1978.

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010,

PATROCÍNIO, M. F. do. *Aprender e praticar gramática*. Volume único. São Paulo: FTD, 2011.

ROMAINE, S. The status of variable rules in Sociolinguistics Theory. *Journal of Linguistics*, v. 17, p. 93-119, 1981.



SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X*: a variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. *Software* disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 08 mar. 2020.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].